

BLOG NA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO ESCOLAR¹

BLOG IN THE PRODUCTION OF SCHOOL KNOWLEDGE

Teresa Kazuko Teruya

Doutorado em Educação pela UNESP. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da UEM.

Samilo Takara

Mestrando em Educação pela UEM.

Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Estadual de Maringá (UEM)
Maringá – PR – Brasil

Endereço:

Rua Argentino Moreschi, 281
Jardim Moreschi – Maringá – PR
CEP: 87080-127

E-mails

tkteruya@gmail.com
sami.takara@gmail.com

Artigo recebido em 12/08/2011

Aprovado em 22/02/2012

RESUMO

Este artigo analisa a potencialidade de se trabalhar os conteúdos dos currículos escolares de forma interativa e desenvolver a aprendizagem colaborativa do conhecimento utilizando o *blog* na educação. O problema é: Será que o *blog* pode ser uma ferramenta de produção de conhecimento no espaço escolar? A utilidade desta ferramenta *on-line* no processo de ensino e aprendizagem será analisada pelas lentes dos Estudos Culturais e na perspectiva foucaultiana sobre as interdições e a vontade de verdade dos discursos pedagógicos. As interdições no ambiente *on-line* interativo são menores do que as interdições no discurso do falante fora desses ambientes, por isso o medo de falar e ser criticado é menor. O contato mediado pelo *blog* permite ao produtor do discurso a previsão de algumas respostas, alguns questionamentos e verificação da validação ou não de suas ideias sem uma exposição real. Na chamada “blogosfera”, há tensões entre teorias e falantes e pode ser uma ferramenta útil para o processo de interação *on-line* entre os usuários. O falante com receio de ser silenciado fica mais à vontade no *blog* para defender suas posições baseadas em seu arcabouço teórico e suas vivências permeadas pelas condições social, histórica e cultural como parte de seu discurso.

PALAVRAS CHAVE: Mídia na educação. Aprendizagem colaborativa. Estudos Culturais. *Blog*.

ABSTRACT

This article analyzes the potential of working with curricular contents in schools in an interactive way, and developing collaborative learning and knowledge through the use of blogs in education. The research question is: Could the blog be used as a tool for the production of knowledge in the school space? The use of this online tool in the teaching and learning process is analyzed through the lens of Cultural Studies, from Foucauldian

perspective of the prohibitions and the desire for truth in the pedagogical discourses. There are fewer prohibitions in the interactive online environment than on the speaker's discourse outside these environments, hence the fear of speaking out, and being criticized, is lower. The contact mediated by the blog allows the producer of the discourse to predict some responses, some questions, and verification of validation, or not, of his ideas without real exposure. In the so called "blogosphere" there are tensions between theories and speakers, and it could be a useful tool for the process of online interaction among users. The speaker who is afraid of being silenced is more comfortable in the blog to defend his positions based on his theoretical framework and experiences, permeated by social, historical and cultural conditions as part of his discourse.

KEYWORDS: Media in education. Collaborative learning. Cultural Studies. Blog.

INTRODUÇÃO

As pesquisas sobre as tecnologias de informação e comunicação na Educação estão em pleno desenvolvimento nesses últimos 20 anos, aproximando as duas áreas de conhecimento: Educação e Comunicação. Souza (2000) diz que, com a explosão comercial da Internet a partir de 1994, já havia tendência de que 60% do ensino do país utilizariam o ciberespaço. Não aconteceu nesta velocidade porque ainda o acesso aos computadores no Brasil é limitado. Entretanto a população já está ligada direta ou indiretamente aos usos da Internet e às suas facilidades de comunicação instantânea no mundo virtual.

Para Citelli (2004, p. 137), os veículos de comunicação no mundo contemporâneo possuem "novos meios disponibilizados pela informática, pelos sistemas digitais, pelas redes de computadores, e que orientam uma revolução nos diferentes âmbitos da cultura, da história, dos fluxos econômicos, das sociabilidades". É compreensível, portanto, que a educação formal se posicione em uma perspectiva diferenciada da comunicação e estabeleça uma relação dialógica com informações e conhecimentos oriundos das fontes midiáticas.

A história nos ensina, na verdade, que tanto a educação quanto a comunicação, ao serem instituídas pela racionalidade moderna, tiveram seus campos de atuação demarcados, no contexto do imaginário social, como espaços independentes, aparentemente neutros, cumprindo funções específicas: a educação administrando a transmissão do saber necessário ao desenvolvimento social e a comunicação responsabilizando-se pela difusão das informações, pelo lazer popular e pela manutenção do sistema produtivo através da publicidade. No entanto, no mundo latino, certa aproximação foi constatada, graças à contribuição teórico-prática de filósofos da educação como Célestin Freinet ou Paulo Freire, ou da comunicação, como Jesús Martín-Barbero e Mário Kaplún. (SOARES, 2000, p. 13).

Concordamos com o autor de que as grandes conquistas nas inovações tecnológicas do aparato midiático e a redução dos custos dos equipamentos contribuíram para que grupos de pesquisadores/as da área de educação e comunicação iniciassem uma aproximação entre as duas áreas de conhecimento. Com o advento da tecnologia *on-line*, as possibilidades de difusão e disponibilização de informações, entretenimento e conhecimentos e do senso comum ao científico estão cada vez mais acessíveis aos internautas. No sistema *web* podemos acessar salas virtuais de bate-papos, ferramentas de localização, *e-mails* e uma infinidade de *sites* de busca, noticiosos, corporativos, de associações e cooperativas, de instituições de ensino, de projetos e programas sociais, redes sociais e *blogs*.

Este artigo analisa a potencialidade de se trabalhar os conteúdos dos currículos escolares de forma interativa e desenvolver a aprendizagem colaborativa do conhecimento utilizando o *blog* na educação. O problema é: Será que o *blog* pode ser uma ferramenta de produção de conhecimento no espaço escolar? Seguindo a perspectiva foucaultiana sobre as interdições e a vontade de verdade dos discursos pedagógicos, analisa a utilidade desta ferramenta *on-line* no processo de ensino e aprendizagem pelas lentes dos Estudos Culturais.

ESTUDOS CULTURAIS, EDUCAÇÃO E MÍDIA

Para compreender a influência cultural nos discursos e nos contextos políticos e sociais, é necessário o entendimento de diversos textos produzidos na década de 1950, oriundos de

movimentos teóricos e políticos (HALL, 2003; ESCOSTEGUY, 2006; JONHSON, 2006; TERUYA, 2009). Os Estudos Culturais não se configuram como uma disciplina e sim uma interação de componentes curriculares em busca de uma compreensão sobre os assuntos que fogem dos contextos de uma ou outra disciplina.

Os estudos culturais na educação despontam como uma importante área que abrange uma pluralidade de pesquisas dentro e fora da sala de aula. Nelson, Treichler e Grossberg (2008, p. 7) entendem os Estudos Culturais como “uma promessa intelectual especial porque tentam atravessar, de forma explícita, interesses sociais e políticos diversos e se dirigir a muitas das lutas no interior da cena atual”. No espaço escolar tratam dos diversos valores culturais, sociais, históricos e econômicos que permeiam as mensagens recebidas e analisadas pelos/as alunos/as e professores/as, tanto nas questões de mídia quanto nas questões étnico-raciais.

As diversidades no campo da Educação e sua relação com a mídia são temas que contribuem com o debate profícuo entre alunos/as e professores/as para realizar a leitura de mundo na sala de aula. Como argumenta Hardt, é um espaço privilegiado de debate da perspectiva foucaultiana. Trata-se de um local paradoxal “onde mais se institucionalizam regulações e controles, na suposta tentativa de superação dos binarismos (oprimido/opressor; pressão/libertação), compreendendo que o processo de formação implica aprender a verdade” (HARDT, 2004, p. 131). Os ditos e não ditos do discurso devem ser trabalhados com educandos/as para que tenham consciência de outras instâncias de discurso.

Os discursos produzidos não revelam realidades, mas as criam. Neste entorno, corremos um risco básico: em vez de fazer educação, ficamos seduzidos pelo direito de proclamar doutrinas. A doutrina vincula o sujeito a determinados enunciados, e ao mesmo tempo que viabiliza alguns, proíbe outros. Mais do que isto, acaba vinculando entre si os indivíduos que partilham desses mesmos enunciados. Resistir a isto implicaria sustentar os processos educativos, que apesar de seus limites e incompletudes, ainda é um espaço razoavelmente legítimo para discutir a circulação dos discursos com os saberes e poderes que eles trazem consigo. (HARDT, 2004, p. 122-123).

Com a contribuição de uma leitura do discurso, percebemos que “a análise do discurso, assim entendida, não desvenda a universalidade do sentido; ela mostra à luz do dia o jogo da rarefação imposta, com um poder fundamental de afirmação. Rarefação e afirmação, rarefação, enfim, da afirmação e não monarquia do significante” (FOUCAULT, 2009a, p. 70). Trabalhar os conceitos da Análise do Discurso foucaultiana, aliado aos Estudos Culturais como uma lente teórica, é uma possibilidade de enxergar e analisar aquilo que as disciplinas não dão conta.

A experiência histórica, política, cultural e social dos homens e das mulheres jamais pode se dar ‘virgem’ do conflito entre as forças que obstaculizam a busca da *assunção* de si por parte dos indivíduos e dos grupos e das forças que trabalham a favor daquela assunção. A formação docente que se julgue superior a essas ‘intrigas’ não faz outra coisa senão trabalhar em favor dos obstáculos. (FREIRE, 1996, p. 42 – grifo do autor).

O pensamento de Paulo Freire contribui para a compreensão do/a aluno/a como um indivíduo com vivências e discursos. Para respeitar a identidade cultural dos/as educandos/as, devemos perceber e dialogar sobre os conflitos vivenciados no espaço escolar e fora dele e perceber as modificações na percepção dos estudantes sobre suas identidades. As múltiplas informações são recebidas e analisadas de diferentes formas, mas colaboram para que o indivíduo se conheça. A identidade muda conforme a interpelação ou a representação do sujeito que ganha ou perde sua identificação. Ela passa por um processo de politização quando é constituído por “uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de *diferença*” (HALL, 2004, p. 21- grifo do autor).

A relação de alteridade nos espaços escolares deve ser compreendida em suas diversas facetas. Entre as culturas presentes no contexto escolar está a cultura da mídia². Kellner (2001, p. 142) afirma que “a cultura veiculada pela mídia divulga imagens e cenas poderosas em termos de identificações que podem influenciar diretamente o comportamento, criando modelos de ação, moda e estilo”. Entretanto, em outro trecho da obra, o autor explica a relação dos Estudos Culturais e da análise da mídia.

[...] os estudos culturais podem ser importantes para o projeto democrático radical. A pedagogia crítica da mídia pode cultivar a cidadania, ajudando a formar indivíduos imunes à manipulação, capazes de criticar o que recebem da mídia e obter informações de diversas fontes, assim, uma

cidadania bem informada e capaz de ter juízos políticos inteligentes. Portanto, essa pedagogia pode funcionar como parte de um processo de esclarecimento social, criando novos papéis para os intelectuais. (KELLNER, 2001, p. 430).

A pedagogia crítica da mídia como um projeto democrático radical pode contribuir para a análise do conteúdo midiático no processo de ensino e aprendizagem. Para o autor, “os estudos culturais examinam os efeitos dos textos da cultura da mídia, os modos como o público se apropria dela e usa, além dos modos como imagens, figuras e discursos da mídia funcionam dentro da cultura em geral” (KELLNER, 2001, p. 77).

Para que o/a aluno/a compreenda o que é dito e o que é silenciado no espaço escolar e em suas vivências no cotidiano fora dele/a, a mídia pode ser uma das ferramentas para visualizar os diversos discursos impregnados na sociedade multicultural. Na abordagem crítica, deve-se investigar o campo de lutas entre a dominação e a opressão, analisar as manifestações estereotipadas que têm respaldo social, a resistência das minorias políticas que foram estigmatizadas pela doutrina hegemônica, para posicionar-se “contra representações dominantes e distorcidas, no sentido de produzir representações mais positivas” (KELLNER, 2001, p. 126). Nestas representações positivas dos grupos oprimidos e das diversidades culturais no espaço escolar, é possível dialogar sobre os usos dos *blogs* para a construção do conhecimento. Os textos que estão publicados nos *blogs* permitem a interatividade entre leitor/a e produtor/a de conteúdo aberto para discussão, proporcionando melhor compreensão de assuntos tratados na sala de aula.

BLOG NA EDUCAÇÃO

Baltazar e Aguaded (2005) caracterizam o *blog* como individuais, quando os autores – também chamados de blogueiros – utilizam-no como diário ou para exposição de textos e comentários sobre diversos assuntos; ou *blog* coletivo, quando os conteúdos derivam das produções de diversos autores que trabalham em formato colaborativo. Além desta categorização, existem *blogs* temáticos, que tratam de um tema em especial e permeia todos os *posts* (as postagens) ou *blogs* generalistas que abordam diversos assuntos.

Os/as blogueiros/as publicam sobre acontecimentos e fatos do seu dia a dia, incluindo fotos, músicas, vídeos e *link*³ para outros conteúdos que podem ser interessantes para seus leitores. Com um caráter pessoal ou temático, os *blogs* apresentam textos desde jornalísticos, científicos ou opinativos e sobre os mais variados assuntos, como moda, turismo, críticas de filmes, receitas em geral, esportes, intimidades, assuntos corporativos, beleza e estética, poesias e produções textuais

Por ser uma ferramenta que não exige conhecimentos sobre as linguagens usadas na programação de sistemas e *sites*, como o HTML, PHP, o usuário tem oportunidade de trabalhar com textos sobre diferentes assuntos, produzindo sozinho ou com colaboração e de diversos lugares do Brasil e do mundo. O/a blogueiro/a partilha informações com a rede e tem interatividade por meio dos comentários, que podem estar à mostra ou serem recebidos por *e-mail*. As finalidades dos *blogs* dependem dos interesses que os blogueiros têm em comunicar um determinado tema.

Uma parcela de *blogs* de fato baseia-se na escrita de percepções e reflexões sobre o cotidiano e os sentimentos do autor. Contudo, essa prática não se aplica a tantos outros *blogs*, que apresentam estilos e objetivos diversos. A principal distinção entre diários e *blogs* os opõem de maneira inconciliável. Diários pessoais se voltam para o intrapessoal, tem como destinatário o próprio autor. *Blogs*, por outro lado, visam o interpessoal, o grupal. (PRIMO, 2008, p. 122).

Os/as professores/as têm a possibilidade de usar os *blogs* e outras ferramentas interativas da Internet. As atividades pedagógicas com o *blog* na produção de conhecimento com o foco nas diferenças sociais, culturais e históricas são potencialidades importantes para leitura e análise dos conteúdos midiáticos. O discurso produzido no *blog* pode ser alimentado pelos visitantes que postam suas ideias, suas experiências e suas atividades. Trata-se uma ferramenta que tem uma estrutura de ambiguidade nos teus conceitos, nos valores éticos e estéticos e nos conflitos sociais, culturais e políticos.

Para entender o discurso, Martín-Barbero (2008, p. 31) ressalta que só conhecimento histórico “[...] pode permitir-nos saber de que estamos falando mais além do que supomos estar dizendo”.

Assim, os discursos postados nessas ferramentas devem ser lidos nos contextos sociais, históricos e culturais do/a blogueiro/a e, ao mesmo tempo, o *blog* pode ser um aliado na construção colaborativa de conhecimento em que autor/a e leitores/as possam interagir e analisar suas diferenças culturais. Para compreender os conceitos tratados, recorreremos ao conhecimento científico e sua relação com o espaço escolar, a fim de educar o olhar sobre a mídia e perceber os ditos e os silêncios da cultura midiática e de outras manifestações.

Na perspectiva foucaultiana de análise do discurso, a leitura de um texto e as interdições – os não ditos que estão no que foi dito – são relevantes para perceber os contextos de quem produziu o texto, de que lugar este autor/a está escrevendo e quais intenções perpassam o discurso dele/a. As diferenças culturais presentes em um discurso podem ser desveladas pela análise.

O diagnóstico assim entendido não estabelece a autenticação da nossa identidade pelo jogo das distinções. Ele estabelece que somos diferença, que nossa razão é a diferença do discurso, nossa história a diferença dos tempos, nosso eu a diferença das máscaras. Que a diferença, longe de ser origem esquecida e recoberta, é a dispersão que somos e que fazemos. (FOUCAULT, 2009b, p. 149).

Nesta percepção das diferenças, o interesse de produzir um *blog* como uma ferramenta pedagógica pode viabilizar a acessibilidade, a quantidade de produção e a variação de temas e fatos nesses espaços. A interação entre leitores/as e blogueiros/as mostra que as diferenças podem ser explicitadas e analisadas nestes espaços virtuais de divulgação. Permite explicitar pontos de vista e ideias, sem o medo das interdições, entre as pessoas que têm receio de se expor, no espaço real e no cotidiano, as suas argumentações. O medo das interdições está presente na sala de aula que tem pouco apoio à liberdade de expressão de diferentes culturas e pessoas.

Em 2010, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) desenvolveu um documento chamado **Indicadores para o desenvolvimento da mídia: marco para a avaliação do desenvolvimento dos meios de comunicação**. Neste documento, diversos aspectos da mídia, de seus profissionais, suas implicações, licitações e usos foram debatidos para promover a melhoria dos meios de comunicação em favor da população brasileira. Entre os tópicos tratados, dois são indispensáveis para a utilização da mídia na educação escolar. No primeiro trecho, o documento recomenda que os usos e as atribuições da mídia devem estar claros para todos.

A conscientização e o fortalecimento dos cidadãos e cidadãs também são vitais: pode haver inibições contra a busca de informações ou relutância em se fazer valer o direito à liberdade de expressão, seja no âmbito público em geral ou entre os grupos marginalizados. As leis precisam ter o respaldo de medidas sistemáticas para deixar cidadãos e cidadãs cientes de seus direitos e para deixar as autoridades cientes de suas obrigações. (UNESCO, 2010, p. 11).

Assim, percebe-se que o documento e a própria entidade defendem o direito do cidadão e da cidadã à informação. E não só ao direito de recebê-la, mas de explicitá-la, o que é garantido, pelo menos na letra da lei, na Constituição Federal. Outro trecho importante do documento trata da diversidade cultural e social e do potencial democrático da mídia para permitir que todos os grupos sociais tenham visibilidade. Destaca as facetas da diversidade cultural, tais como: “gênero, idade, raça, etnicidade, casta, idioma, crença religiosa, capacidade física, orientação sexual, renda e classe social” (UNESCO, 2010, p. 35).

O documento da UNESCO reconhece o poder exercido pela mídia de moldar a experiência de grupos sociais. O aparato midiático transmite a informação e oferece o entretenimento aos diferentes grupos sociais, no entanto sua atuação é ambígua, uma vez que a mídia proporciona visibilidade de alguns grupos em detrimento de outros. O documento reforça a necessidade de que os grupos sociais sejam ouvidos e tenham acesso à informação e ao conhecimento.

A mídia pode proporcionar uma plataforma para que todos os grupos da sociedade conquistem visibilidade e possam ser ouvidos. Ainda assim, a mídia também pode engendrar suspeita, medo, discriminação e violência ao fortalecer estereótipos, fomentar a tensão entre grupos e excluir certos segmentos do discurso público. (UNESCO, 2010, p. 35).

Este documento alerta para a ambiguidade da mídia, de um lado ela proporciona a visibilidade democrática e de outro pode proporcionar discriminação, estereótipos e violência. O documento recomenda a colaboração da mídia no processo educacional para abordar a diversidade social e suas representações nos produtos midiáticos. Portanto o *blog* como ferramenta interativa pode

proporcionar um espaço de discussão e análises dos produtos midiáticos para aprendizagem e construção de conhecimento colaborativo. Kellner (2001) ressalta a importância de se perceber o que é produzido pela mídia atualmente.

Numa cultura contemporânea dominada pela mídia, os meios dominantes de informação e entretenimento são uma fonte profunda e muitas vezes não percebidas de pedagogia cultural: contribuem para nos ensinar como nos comportar e o que pensar e sentir, em que acreditar, o que temer e desejar – e o que não. [...] Aprendendo como ler e criticar a mídia resistindo à sua manipulação, os indivíduos poderão fortalecer-se em relação à mídia e à cultura dominantes. (KELLNER, 2001, p. 10).

A visão crítica da mídia favorece uma análise aprofundada do discurso. Entretanto não podemos esquecer que os meios de comunicação também são um espaço de divulgação e discussão, especialmente a mídia interativa da Internet. Nos *blogs*, há oportunidades de divulgar críticas sobre produtos midiáticos, contar impressões sobre alguns fatos, analisar as armadilhas teóricas e divulgar endereços eletrônicos de fotos, músicas e vídeos úteis para essas explicações.

O/a blogueiro/a, depois de ter seu texto publicado, poderá receber comentários em sua página ou por *e-mail* sobre o que outras pessoas também pesquisaram, sobre seus pontos de vista e suas atribuições sobre o assunto em pauta. O texto fica disponível para que leitores/as do mundo todo, conectados à rede, possam acessar seu discurso e contribuir com comentários, sugestões de leituras, outras análises e ainda outros *sites* que podem ser interessantes aos/as usuários/as. A interação neste ambiente virtual verifica-se nos comentários que oportunizam a troca entre os internautas, aumentando as possibilidades de desenvolvimento de conhecimentos colaborativos.

O comentário conjuga o acaso do discurso fazendo-lhe sua parte: permite-lhe dizer algo além do texto mesmo, mas com a condição de que o texto mesmo seja dito e de certo modo realizado. A multiplicidade aberta, o acaso são transferidos, pelo princípio do comentário, daquilo que arriscaria de ser dito, para o número, a forma, a máscara, a circunstância da repetição. O novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta. (FOUCAULT, 2009a, p. 25 e 26).

Essa oportunidade de ter um conteúdo apresentado em formato de texto, normalmente curto e com diversos *links* para explicar ou exemplificar em outros textos, inserção de fotos ou de vídeos, é uma forma de discutir suas análises com outras pessoas interessadas. Ainda há outros modos de usar os *blogs*. Baltazar e Aguaded (2005) relatam que em Portugal alguns professores utilizam o *blog* para deixar análises de sua disciplina, textos e outros conteúdos que contribuem com o aprendizado dos/as alunos/as. Outros professores/as trabalham dentro de suas disciplinas a criação de um *blog* coletivo, em que os/as alunos/as podem postar textos e ver os comentários de seus/as colegas/as no desenvolvimento de uma disciplina, durante o período em que leciona àqueles/as estudantes.

[...] neste espaço todos têm a palavra, mesmo os mais tímidos que possam eventualmente ter mais dificuldade a falar em público terão aqui a oportunidade de demonstrar o seu interesse e mérito. Ergue-se assim uma pequena comunidade, cria-se uma proximidade entre professor e alunos, mas também entre os próprios alunos. (BALTAZAR; AGUADED, 2005, p. 3);

A proximidade pode facilitar as discussões de determinados conteúdos em que se inserem os contextos das alteridades e das diversidades culturais e sociais. Os/as alunos/as poderão tratar de um assunto em sala de aula e pesquisar fora do espaço escolar, como trabalho da disciplina ou por curiosidade e desenvolver textos de análise, além de buscar fotos, vídeos e outros textos interessantes para que seus colegas conheçam mais sobre o assunto trabalhado.

Evidencia-se, assim, que o/a aluno/a pode se utilizar das redes sociais e das ferramentas de interação nos *blogs*, publicar conteúdos de texto, produzir conteúdo midiático cooperando com as interações entre conhecimentos e utilizando-se de diferentes formatos para apresentar as mensagens. Estas são as possibilidades de desenvolver a interface Educação-Comunicação. A mídia na educação escolar é um espaço de criação e democratização da cultura, por meio da produção de mídia, comunicação com a diversidade cultural, a fim de promover “[...] a formação de comunidades práticas de mídia, cujas palavras-chave sejam: perspectiva crítica, análise, avaliação, criatividade e criação” (CHRISTENSEN; TUFTE, 2009, p. 98)

Esta ferramenta pode socializar a discussão e promover a construção de um conhecimento colaborativo junto ao profissional da educação que orienta as discussões e disponibiliza outros textos e produtos audiovisuais. Esta participação ativa contribui para acalorar e valorizar o debate em prol do respeito às diferenças e a construção colaborativa de conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *blog* pode ser uma tecnologia de informação e comunicação no processo de ensino-aprendizagem quando usada para se produzir conhecimento colaborativo, com base na análise crítica dos conteúdos e fundada nos conceitos científicos. Podemos desenvolver discussões profícuas e acrescentar as leituras próprias e dos colegas. Usar o *blog* como espaço de produção e disseminação do conhecimento é uma das oportunidades que professores/as e alunos/as têm para analisar o papel da mídia, seus assuntos e conteúdos de maneira colaborativa. No *blog*, os/as alunos/as terão contatos com outras pessoas e profissionais com perspectivas diferentes, além das discutidas pela turma.

A publicação *on-line* é outra forma de problematizar os conceitos éticos e estéticos dos textos disponibilizados no ambiente virtual. Professores/as e alunos/as devem se preocupar com os tipos de informações a serem disponibilizadas no *blog* e a maneira de redigir seus textos sobre determinados assuntos. Além disso, é uma oportunidade de encontrar diferentes materiais e conhecimentos para enriquecer a discussão de um tema selecionado. Para alimentar um *blog*, é necessário conhecer o assunto e elaborar os conteúdos e os conhecimentos de forma colaborativa.

A diversidade e a alteridade se fazem presentes na rede e oportunizam alunos/as e professores/as ao diálogo e ao contato com os diversos textos disponibilizados na Internet. Defendemos produções que lançam propostas para o mundo virtual em favor de desenvolvimento de um conhecimento científico plural, rico de perspectivas e olhares de diferentes contextos e compreensões, ou seja, uma perspectiva atenta às identidades e às interdições presentes nos discursos permeados na rede.

REFERÊNCIAS

BALTAZAR, Neusa; AGUADED, Ignacio. Weblogs como recurso tecnológico numa nova educação. **Anais do 4o Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação**, Aveiro, 2005. Disponível em: <http://www.bocc.uff.br/pag/baltazar-neusa-aguaded-ignacio-weblogs-educacao.pdf>. Acesso em: 3/12/2010.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

CHRISTENSEN, Ole; TUFTE, Birgitte. **Mídia-educação - entre a teoria e a prática**. Florianópolis: Perspectiva, 2009. Disponível em: <http://www.bocc.uff.br>. Acesso em: 3/12/2010.

CITELLI, Adilson. **Comunicação e educação**. A linguagem em movimento. 3. ed. São Paulo: Senac 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

ESCOSTEGUY, A. C. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, T. T. da. (Org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais**. Belo Horizonte: Autêntica 2006. p. 133-166.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 19. ed. São Paulo: Loyola, 2009a.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009b.

GREEN, Bill; BIGUN, Chris. Alienígenas na sala de aula. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Alienígenas na sala de aula**. Uma introdução aos Estudos Culturais em Educação. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 208-243 (Coleção Estudos Culturais em Educação).

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Organizadora Liv Sovik. Tradução: Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HARDT, Lúcia Scheneider. **Os fios que tecem a docência**. (Tese de Doutorado), Porto Alegre, UFRGS, 2004. Acesso em: 13/12/2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/5831>.

JOHNSON, R. O que é, afinal, Estudos Culturais? In: SILVA, T. T. da. (Org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais**. Belo Horizonte: Autêntica 2006. p. 7-131.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais**: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: EDUSC, 2001.

NELSON, Cary; TREICHLER, Paula A.; GROSSBERG, Lawrence. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Alienígenas na sala de aula**. Uma introdução aos Estudos Culturais em Educação. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p.7-38. (Coleção Estudos Culturais em Educação)

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador**: a comunicação e a educação à distância segundo uma pesquisa sistêmico-relacional. (Tese de Doutorado). Curso de Pós-Graduação em Informática da Educação – Porto Alegre, RS: UFRGS, 2003.

PRIMO, Alex. Os blogs não são diários pessoais on-line: matriz para a tipificação da blogosfera. In: **Revista Famecos** n. 36, 2008. p. 122-128. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/4425/3325>. Acesso em: 3/12/2010.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. **Comunicação & Educação**, São Paulo, (19): 12 a 24, set./dez. 2000. Disponível em: <http://200.144.189.42/ojs/index.php/comeduc/article/view/4147/3888>. Acesso em: 03/12/2010.

TERUYA, Teresa Kazuko. Sobre mídia, educação e Estudos Culturais. In. MACIEL, Lizete Shizue Bomura; MORI, Nerli Nonato Ribeiro (Org.) **Pesquisa em Educação**: Múltiplos Olhares. Maringá: Eduem, 2009. p. 151-165.

UNESCO. **Indicadores de desenvolvimento da mídia**: marco para a avaliação do desenvolvimento dos meios de comunicação. Brasília, UNESCO, 2010

NOTAS

1 Com revisões e algumas modificações, este artigo, inicialmente intitulado: *Mídia na educação: o uso do blog na produção do conhecimento*, foi apresentado no 4º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação e 1º Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação na Universidade Luterana do Brasil, em Canoas, entre os dias 23 a 25 de maio de 2011, e publicado nos *Anais* do evento.

2 O termo cultura da mídia é baseado no livro *A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*, de Douglas Kellner.

3 Atalho para acessar o endereço de uma página na Internet.